

Resenha: Jardim, Eduardo. *Eu sou trezentos. Mário de Andrade: vida e obra.* Edições de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Jorge Abrão

Eu sou trezentos. É justo dizer que esse título, extraído de um poema do livro *Remate dos Males*, reflete a diversidade da vida e da obra do poeta paulista Mário de Andrade, cheias de projetos e realizações que o colocam como uma das figuras de destaque na arte brasileira. Vida e obra que nos é contada, após 70 anos de sua morte, por Eduardo Jardim. A biografia, aqui apresentada, não se prende a tradicional forma de apresentar apenas fatos e datas, traz também fotografias e cartas, além de trechos da poesia e prosa do autor modernista, de forma a encadear sua produção literária e fatos de sua vida, mostrando, também, o papel central de Mário de Andrade como motivador da modernização da arte brasileira.

Logo no prefácio, escrito por Renato Lessa, presidente da Biblioteca Nacional, já somos apresentados a premissa central dessa biografia, a de que Mário de Andrade foi a “figura central na vida intelectual” do Brasil no início do século XX de modo que “nenhum escritor, nunca mais, teve como ele tanta importância como artista, como formulador de uma interpretação do Brasil e como animador cultural”.

No primeiro capítulo nos é mostrada a infância e juventude, em São Paulo, do autor e como sua ligação com a família de classe média e a perda trágica do irmão em 1913 são questões decisivas para o início da carreira como poeta. Sob o pseudônimo de Mário Sobral, publica seu primeiro livro *Há uma gota de sangue em cada poema*, em 1917, durante a Primeira Grande Guerra. Livro que não obteve sucesso e considerado “uma merda” pelo amigo Manuel Bandeira, que mais tarde viria a suavizar a crítica dizendo que era “ruim diferente dos outros, um ruim esquisito”.

Jardim, no capítulo seguinte, foca no período inicial do modernismo, primeiramente, destacando a amizade de Mário de Andrade com Tarsila do Amaral e com Oswald de Andrade, que viriam a ser grandes influências em sua vida e obra, e, depois, abordando os ensaios do poeta paulista sobre estética, que seriam base em parte do movimento Modernista.

Tarsila e Mário se conheceram na exposição da pintora em 1917 e o que no início poderia não ter passado de um mal entendido se tornou uma relação frutífera e perene. Para o biógrafo, ela é a responsável por apresentar a Mário a cultura contemporânea e ao expressionismo alemão, estética que viria a influenciar a obra do poeta, como em *Pauliceia Desvairada* de 1922, em que o retrato de burguês em “Ode ao Burguês” se aproxima ao feito pelo artista alemão George Grosz em suas pinturas e caricaturas. Já com Oswald a amizade ofereceria mais tensões, tanto no campo das teorias artísticas quanto no campo pessoal, porém a partir dessa relação que se forma o “Grupo dos Cinco”, como viria a ser chamado os amigos Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Anitta Malfatti e Menotti Del Picchia, que depois da Semana de Arte Moderna em 1922, se reuniria quase diariamente.

Na primeira parte da década de 1920, Mário de Andrade se dedica a estudos sobre teoria poéticas, tais como a série de artigos “Mestres do Passado” e o ensaio *A escrava que não é Isaura*, este dedicado ao amigo Oswald e aqueles publicados no *Jornal do Comércio*, em que crítica os poetas parnasianos. Nesse período, Mário expõe suas ideias sobre o papel da arte, a qual não deve buscar a reprodução da natureza, pois o “poeta não fotografa, cria”. Assim, Mário também defende o Modernismo dos críticos. Outro ponto importante nesses estudos é a constante oposição “entre a natureza e a arte, entre a forma e o conteúdo, entre a inspiração e a crítica” que marca as teses de Mário de Andrade, como afirma Jardim. Também é ressaltada a participação ativa de Mário na

organização da Semana de Arte Moderna de 1922 e na *Klaxon*, primeira revista modernista, onde publicou escritos tanto com seu nome, quanto com pseudônimos — quando falava de literatura, música e teoria da arte.

Em “No fundo do mato virgem”, segundo capítulo da biografia, Jardim nos apresenta a segunda metade da década de 1920, período marcado por uma produção extensa de Mário de Andrade. São dessa época os poemas que viriam a compor *Remate dos Males*, *Na pancada do ganzá*, *Laxando cáqui* e *Modinhas Imperiais*, além de sua colaboração prolífica em diversas revistas modernistas e também de suas duas maiores viagens: até Iquito no Peru, em 1927 (única viagem internacional de Mário) e para o Nordeste no final de 1928. Juntando-se a esses fatores, nesse período, Mário também mantém correspondência intensa com diversos amigos tanto no Brasil, como no exterior, de forma a ganhar grande destaque no movimento Modernista se tornando uma de suas principais vozes e ganhando um papel de liderança no grupo. Apesar de não afirmar com clareza o motivo, também é destacado, o rompimento da amizade entre Mário e Oswald de Andrade no final da década de 1920.

É importante ressaltar que as obras *Macunaíma*, *o Clã Jabuti* e *Ensaio sobre música Brasileira* também são desse período e consolidam a visão do escritor sobre o abrasileiramento da arte e cultura nacionais, fator significativo para a modernização destes e sua inserção no cenário internacional. Em *Macunaíma*, obra mais conhecida de Mário, o “coroamento e, do ponto de vista literário, a mais bela expressão dos propósitos modernistas do segundo tempo do movimento” (p. 93). Para Jardim, no final da obra, Mário de Andrade define o papel do intelectual na formação da nacionalidade brasileira, em que o artista tem a responsabilidade de assegurar a transmissão da identidade nacional, através de seu resgate e de sua atualização, a partir do contato e do

estudo da cultura popular, já que este é o local onde se encontram os traços da identidade.

Os capítulos quatro e seis são dedicados à atuação de Mário de Andrade na administração pública paulista na década de 1930. O autor modernista ajudou a criar o Partido Democrático, que viria a apoiar a campanha e o golpe de Getúlio Vargas no início da década. Porém esse apoio é retirado a partir da revolta de 1932, quando São Paulo se volta contra o governo federal. Após a derrota paulista Mário passa por um difícil ano acometido por diversas doenças. Mas em 1935, com uma certa mudança no cenário político nacional e estadual - criação de uma nova constituição, anistia às oposições e nomeação de um interventor civil e paulista no estado - Mário volta a ter participação política assumindo a direção do Departamento de Cultura de São Paulo, órgão do município que tinha como principal objetivo promover o desenvolvimento cultural e artístico da cidade. Mário ocupa o cargo até a consolidação do Estado Novo em 1937, para deixar de vez o Departamento no ano seguinte, quando se muda para o Rio de Janeiro, então capital federal.

Em “Dramas da Contrariedade”, quinto capítulo da biografia e um dos mais importantes, Eduardo Jardim aborda a personalidade de Mário de Andrade, marcada pelo embate entre forças contraditórias. Um conflito entre “suas aspirações pessoais e desejos mais íntimos com as exigências morais e interesses coletivos”. Para Jardim, essa tensão é presente em toda a vida de Mário, em que o compromisso com a coletividade foi, geralmente, favorecido em detrimento dos desejos pessoais. Porém, o autor, ainda ressalta que a essa tensão se deve “o vigor das iniciativas” do modernista e impediu “que sua criação literária se tornasse um frio artifício de inteligência.”

Frustrado com a experiência no Departamento de Cultura, em 1938, Mário se muda para o Rio de Janeiro, onde recebe o convite para dirigir o Instituto de Artes da

Universidade do Distrito Federal, que seria fechada em 1939, por demanda do Ministério da Educação que buscava centralizar as universidades. Após esse breve período como professor universitário, o autor modernista inicia seus trabalhos no Instituto Nacional do Livro, em que escreve o projeto da *Enciclopédia Nacional*, que apesar de não ser de sua iniciativa retrata parte de suas preocupações, como dar maior ênfase aos assuntos nacionais e precariedade na formação de grande parte do público. Com a entrega do projeto, Mário, sentindo-se desocupado no INL, pede para ser requisitado pelo o Serviço de Patrimônio, órgão a que tem grande apreço, visto que cooperou com sua criação em 1936, escrevendo o anteprojeto do SPHAN.

Para Eduardo Jardim, esse período no Rio de Janeiro, foi, para Mário de Andrade, um período de frustrações, em que o escritor paulista menciona diversas vezes seu desanimo, em cartas aos amigos e parentes. Merecendo destaque sua viagem a Minas Gerais e sua convivência com os grupo de jovens artistas e intelectuais da capital federal, onde colaborou diversas vezes escrevendo para a *Revista Acadêmica*. Dessa forma, em fevereiro de 1941, “com um soco numa mesa de bar” (p. 85) decide voltar a São Paulo.

Mário de Andrade volta para São Paulo, porém continua com o sentimento de frustração e a depressão que o acompanham desde a saída do Departamento de Cultura de São Paulo. Além de continuar trabalhando para o o SPHAN, Mário volta a lecionar no Conservatório, apenas por um breve período, pois se sentia esgotado de dar aulas. O modernista, nessa época, se dedicou muito a palestras e conferências e, também, publicou livros de poemas e contos, tendo inclusive organizado *Poesias*, uma coletânea de todas as suas poemas.

Porém o que chama mais atenção na vida de Mário nesse período é a avaliação que faz do movimento do qual fez parte e é um dos principais nomes. Na conferência

“O movimento modernista”, de 1942, o poeta faz severas críticas, tanto a si mesmo, quanto ao movimento, principalmente no tocante à arte como agente social. Pode-se dizer que essas críticas, em parte, tenham sido motivadas por um processo de radicalização política, vivido pelo poeta desde o período em que morou no Rio de Janeiro e teve grande contato com a juventude esquerdista.

Em fevereiro de 1945, Mário de Andrade falece em sua casa, na presença de alguns amigos e familiares, devido a um ataque cardíaco, antes que pudesse receber ajuda médica. Sua casa se encheu de amigos antigos do movimento Modernista e mais recente. No dia seguinte, com um enorme cortejo, é enterrado no cemitério da Consolação. Para Jardim, entretanto, o poeta já havia deixado seu testamento em um poema de Lira Paulistana (1944).

Quando eu morrer quero ficar,
Não contem aos meus inimigos,
Sepultado em minha cidade,
Saudade.

Meus pés enterrem na rua Aurora,
No Paissandu deixem meu sexo,
Na Lopes Chaves a cabeça
Esqueçam.

No Pátio do Colégio afundem
O meu coração paulistano:
Um coração vivo e um defunto
Bem juntos.

Escondam no Correio o ouvido
Direito, o esquerdo nos Telégrafos,
Quero saber da vida alheia,
Sereia.

O nariz guardem nos rosais,
A língua no alto do Ipiranga
Para cantar a liberdade.
Saudade...

Os olhos lá no Jaraguá
Assistirão ao que há de vir,
O joelho na Universidade,
Saudade...

As mãos atirem por aí,
Que desvivam como viveram,
As tripas atirem pro Diabo,
Que o espírito será de Deus.
Adeus.